

sangue novo

Amanda Gabana e a estética do calor gaúcho

Andressa Pufal

Sinônimo de quente no imaginário popular, o calor tem algumas definições físicas um pouco mais complexas. Objeto da curiosidade humana há milênios, ele já foi caracterizado como resultado do movimento das partículas que compõem um corpo. E, depois de alguns avanços nos estudos dos fenômenos térmicos, foi definido como a troca de energia entre dois corpos. Há quem afirme também que nada existiria sem nossa fonte mais potente de calor – o sol. Os dinossauros que o digam.

Movimento, troca, vida, quente. São os elementos que norteiam o primeiro disco autoral de Amanda Gabana, *Me Chama Para Dançar*, em fase final de produção.

O álbum é um mergulho da autora em ritmos dançantes, colocando no caldeirão uma mistura alquímica de calor, carnaval, multidões, Brasil e Rio Grande do Sul. Inspirado por uma viagem a Belém do Pará, o disco também remonta algo muito mais profundo para a compositora: as histórias que deram início à sua própria.

Foi num cabaré, ao som de jazz contemporâneo e Madonna, que seus pais se conheceram. Ela, dançarina e ele, frequentador assíduo. Envolto naquela atmosfera densa de música, luzes, movimentos e flertes, os dois acabaram se apaixonando. O resultado desse encontro poderosamente fugaz está por aí, fazendo música e deixando vivo o legado musical e artístico que corre em suas veias.



Em seu pop quente (em todos os sentidos) a compositora condensa ritmos dançantes nacionais e locais

“Eu sou desse mundo, é um lugar que me interessa demais. Diz muito sobre a minha história, a forma como eu componho, diz muito sobre as coisas que eu gosto. Então por que não usar esta atmosfera de cabaré para criar a identidade visual do disco?”, explica Amanda. Nesse espírito, *Me chama para dançar* é um convite ao convite, uma intimação para colocar em movimento os corpos e tudo o que existe ao seu redor. Na faixa-título, gravada em parceria com a artista paraense Raidol, a artista nos conduz a uma festa em que o “DJ arranha aquele brega no vinil” e a gente fica na expectativa

de ser chamado para bailar.

Amanda também traz a milonga no pé com o sapateado de Emily Borghetti, na faixa *Sarro*. À primeira vista, um contraste muito profundo, mas que faz todo o sentido com a proposta de trazer o lado dançante do gaúcho à tona. Buscando aproximar o Rio Grande do Sul do tropicalismo típico do Brasil, Amanda quer mostrar ao mundo o calor e o verão gaúchos – traços que por muito tempo ficaram escondidos por trás da estética do frio pampeano. Afinal, mesmo com seis meses de vento gelado e cerração, nossas rodas de samba e dança resistem ao inverno.

Em nove faixas, a artista nos convoca para dançar aos sons dos tradicionais ritmos do forró, brega, piseiro e pagode até chegar no Brasil mais do sul, com o tradicional vanerão, o bolero, o chamamé e a melancólica milonga – a mistura disso tudo gerando um pop brasileiro de cabaré. “O pop nacional não se interessa e não interage com os ritmos do Sul. Por que não aproximar?”, pergunta. “O vanerão é um ritmo muito dançante. No CTG as pessoas não param de dançar, é um ambiente super divertido. Isso tudo já estava ali, eu só precisei colocar na minha música.”

qual é a boa?

Toda sexta-feira, a equipe do Jornal do Comércio traz sugestões de como curtir a vida cultural de Porto Alegre no final de semana. Nesta edição, tem muita música, espaços para o pensamento em plena Praça da Matriz e um espetáculo de dança, ancestralidade e cultura negra



Passear pela Redenção aos finais de semana já virou programa certo para muitos porto-alegrenses. Mas neste sábado, dia 16, o passeio é realmente imperdível. A banda Fresno, nascida e criada em Porto Alegre, retorna à Capital para um show gratuito ao ar livre. O grupo sobe ao palco às 20h e apresenta o novo álbum, *Carta de Adeus*, além de visitar seus maiores sucessos. A banda Papas da Língua também integra a programação, mas se apresenta mais cedo, às 18h. A iniciativa faz parte da Semana S, promovida pelo Sistema Fecomércio-RS/Sesc/Senac e IFEP na Capital.

Giovanna Sommariva,
editora-assistente do JC



Em uma noite de sábado cheia de boas opções, minha dica é ir até o Gravador Pub, no 4º Distrito, curtir o som do bluesman Derrick ‘Big’ Walker. Representante do modo Oklahoma de fazer o blues, o cara canta, toca gaita e saxofone, além de ser compositor de primeira. As canções flertam com diferentes estilos, incluindo referências bem modernas – ao ponto de Big Walker ser reconhecido como inventor do *blues house*, que une as melodias do blues com a batida vibrante da *house music*. A noite terá participações de João Maldonado e do jovem João ‘Little John’ Vicente, de apenas 12 anos, com show de abertura de Money Man & The Cash Makers.

Igor Natusch,
editor de Cultura do JC



A minha dica para o final de semana já vem mobilizando o Centro Histórico de Porto Alegre há alguns dias. Na praça da Matriz, ocorre a 2ª edição do Festival Fronteiras, que vai reunir diversos pensadores para debater cultura e autenticidade na sociedade contemporânea. O evento acontece na sexta-feira e sábado, com programação prevista para o dia inteiro. Entre os convidados estão os atores Miguel Falabella e Bárbara Paz, além de figuras literárias como Milton Hatoum e Mirian Goldenberg. Para os amantes do jornalismo como eu, é indispensável a presença no painel do repórter e comunicador Caco Barcellos, grande referência para os estudantes da área.

Alessandra Moraes,
repórter-aprendiz do JC



Se você quer um programa que mexe com a alma, minha sugestão é assistir à montagem *Axêro*, do Grupo Tatá – Núcleo de Dança-Teatro, vinculado à UFPel. O espetáculo já circulou por comunidades quilombolas do Estado e tem uma força absurda ao revisitar a história de Pelotas através de corpos negros. Sob a direção de Maria Falkembach, os bailarinos, atores e *performers* Gessi Könzgen e Jão Cruz fazem um verdadeiro ritual poético no palco. É denúncia, mas também é celebração e uma experiência necessária para entender nossa história por outros olhos. A temporada no Teatro Carlos Carvalho da CCMQ tem sessões às 20h de sexta e sábado e às 19h de domingo.

Adriana Lampert,
repórter de Cultura-JC